



## **P01-119: Educar para a não violência: uma perspectiva republicana e democrática**

Juliana Campoy Miranda de Souza\*, jcampoy77@gmail.com

Maria Regina Johann\*, maria.johann@unijui.edu.br

Larissa Cunha Brondani\*, psicologalarissab@hotmail.com

Joice Andressa Fritz Drefs\*, joicedrefs@gmail.com

\*Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

**RESUMO.** Este artigo aborda a educação para a não violência e problematiza o assunto mobilizando diálogos de estudantes da Educação Básica, percebidos mediante a escuta sensível da professora. A análise dos diálogos se pauta na crítica hermenêutica, que aposta na linguagem para a ressignificação de preconceitos, sendo o diálogo uma dimensão fundamental na reconstrução de sentidos. Para sustentar a noção de cultura da não violência, valemo-nos da noção de que todas as vidas importam e, a partir deste mote, questionamos os aspectos da violência escolar. Como resultados, temos a evidência da perspectiva dialógica como dimensão estruturante da relação pedagógica, considerando o princípio republicano e democrático, que se pauta na pluralidade, na alteridade e na dimensão ética da educação.

**PAPAVRAS CHAVE.** Formação humana, educação escolar, escuta sensível, alteridade.

### **INTRODUÇÃO**

O presente texto aborda a violência no contexto escolar. Trata do tema a partir da escuta sensível dos diálogos entre estudantes de escola pública, em contexto de sala de aula das disciplinas de Artes e Ensino Religioso. A professora responsável por essas disciplinas é licenciada em Artes Cênicas e Pedagogia e atua na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Os temas tratados nas aulas estiveram voltados para as questões de gênero, raça e pluralidade cultural. Os relatos expressam as opiniões dos estudantes diante da abordagem dos conteúdos escolares. Como problema de pesquisa, indagamos acerca da mediação docente que visa contribuir na formação ética dos estudantes. Objetiva-se tematizar acerca da violência e problematizar sobre os desafios da formação em relação à violência, considerando-a em todos os seus modos de manifestação.

Este tema requer atenção, pois as falas dos estudantes ilustram a gravidade da questão e alertam a comunidade escolar para a sua função formativa ético-política, o que pressupõe o engajamento de todos os atores nela envolvidos, desde os órgãos públicos até as famílias dos estudantes. O fundamento republicano e democrático que alicerça a escola pública brasileira fornece subsídios para a abordagem do tema da violência nos espaços escolares, uma vez que os princípios éticos, políticos e estéticos que a sustentam exigem um compromisso com valores democráticos e com a pluralidade cultural.

## METODOLOGIA

Este estudo tem base qualitativa e contempla dois movimentos que se inter-relacionam: apresenta excertos de diálogos entre estudantes da Educação Infantil e também do Ensino Fundamental de escola pública, registrados entre os anos de 2015 a 2022. Tais diálogos emergem de situações de aula quando dimensões de violência estavam em questão, via os temas das disciplinas. O segundo movimento é de revisão de bibliografia, em que se buscou, na obra de Judith Butler (2021) e Paulo Fensterseifer (2020), ideias e subsídios para refletir acerca do que dizem os estudantes e os desafios disso à educação, uma vez que os mesmos permitem problematizar aspectos relativos à violência, à igualdade e à pluralidade. De modo geral, o percurso desta pesquisa considera o que dizem os estudantes e tece uma reflexão sobre a tarefa educacional na perspectiva dialógica.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO TEMA

As situações narradas abaixo são oriundas de contextos de sala de aula e foram desencadeadas a partir de temas voltados para as questões de gênero, raça e pluralidade cultural; as falas expressam as opiniões dos estudantes diante da abordagem dos conteúdos escolares. Para este texto, elegemos parte das falas de três estudantes, registradas pela professora.

1. *Em uma turma de Pré-Escola I, atualmente denominada Crianças Pequenas I, a única menina negra da turma chora. Ao perguntar ‘o que houve?’; ela me conta às lágrimas: “Profe, pegaram todas as bonecas e só me sobrou a pretinha! [...]”.*

2. *Em um oitavo ano, durante a leitura de um texto sobre os povos originários, na aula de Ensino Religioso, eu comento que houve um episódio muito triste em que colocaram fogo em um indígena. O aluno, rindo, comenta: “Professora, não vale a pena colocar fogo em um índio. A gasolina está muito cara! [...]”.*



3. Na mesma turma, ao fazer a leitura de um texto em que é citada a obra “O Beijo” (1882), de Auguste Rodin, os alunos se indignam ao descobrir que o beijo retratado na escultura é uma traição e comemoram o fato de o marido matar a esposa e, também, o amante, ao descobrir que tinha sido traído. Começo a debater com os mesmos se uma traição seria motivo para cometer um feminicídio. Em voz alta, vários alunos, ao mesmo tempo, argumentam: “Tem que matar mesmo!”, [...] “Quem mandou traír? Tem que levar tiro! [...]”.

Os pontos de vista dos estudantes permitem compreender a complexidade do tema quando a situação envolve sujeitos em formação. Neste caso, argumenta-se em favor da mediação docente que oportuniza o diálogo e favorece a reflexão e o dizer da palavra do outro. Nesse sentido, nos apoiamos na hermenêutica filosófica, que concebe o diálogo como uma dimensão fundamental da nossa condição de ser que compreende. O diálogo, como abertura ao outro, é uma oportunidade de compreensão, pois não restringe, esgota ou exclui possibilidades do dizer. Por conseguinte, faz circular as ideias e abre oportunidades de interlocução e reconstrução de sentidos – e nisso reside uma oportunidade autoformativa (Gadamer, 2004).

Em Butler (2021), observamos que a dimensão da violência permeia nosso cotidiano e exige uma atitude proativa em vista de sua desconstrução, uma vez que “[...] as vidas não são valorizadas de modo igual no mundo de hoje” (Butler, 2021, p. 38). Essa advertência permite pensar que, mesmo com os diversos avanços históricos e sociais, ainda se faz necessário recordar que todas as vidas são igualmente válidas, mesmo que, para algumas pessoas ou segmentos sociais, muitas pudessem não existir sem que isso causasse prejuízos à diversidade da existência humana.

Em relação a esse tema, a mediação da professora buscou mostrar aos estudantes que a posição social, o vínculo religioso ou étnico, não são aspectos que justifiquem a exclusão ou eliminação de alguém.

Na busca pela superação de tais preconceitos, recorreremos à perspectiva republicana e democrática e entendemos que a escola precisa assumir a tarefa para a qual foi instituída: contribuir para a passagem da condição de heteronomia para a de autonomia, considerando os valores eticamente defensáveis em uma sociedade multicultural e de princípios laicos e democráticos (Fensterseifer, 2020). Esse tema interessa à formação de professores de modo geral, com indicativo para todas as áreas do conhecimento, pois é de formação humana que

estamos tratando, antes de pensarmos na especificidade dos saberes científicos, filosóficos e artísticos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permite concluir que a educação contribui na formação de novos valores, pois a vivência escolar é uma oportunidade para que preconceitos possam ser desconstruídos em contextos nos quais a empatia e os valores éticos, políticos e estéticos sejam apresentados aos estudantes. Aposta-se na cultura da *não violência* reafirmando uma educação que valorize a pluralidade e um mundo comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Butler, J. (2021). *A força da não violência: um vínculo ético-político*. Tradução: Heci Regina Candiani; [Prefácio de Carla Rodrigues]. São Paulo, SP: Boitempo.
- Fensterseifer, P. E. (2020). *A tarefa educacional na especificidade da escola*. Ijuí, RS: Editora Unijuí.
- Gadamer, H. G. (2004). *Verdade e método II: complementos e índices*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Revisão da tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.